

**A expressão da emoção em predicados verbais do português:
uma análise sintáctico-semântica com base num *corpus****

Amália Mendes

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

1. Introdução

Este trabalho consiste numa análise sintáctico-semântica de uma subclasse dos verbos do português que expressam uma emoção ou um sentimento, nomeadamente a subclasse dos verbos que lexicalizam o argumento Experienciador na posição Objecto, como *preocupar*, *angustiar* e *agradar*¹. Muitos dos verbos desta subclasse têm sentido não psicológico e psicológico, como *devorar* em (1) e (2):

(1) “(...) como é o caso dos predadores que **devoram** a presa (...).” (L368)²

(2) “**Devora-nos** uma impaciência insuportável (...).” (L16)

Os verbos que expressam emoções e sentimentos são também designados na literatura como verbos psicológicos e será esse o termo que adoptaremos neste trabalho. A grande maioria dos estudos existentes sobre esta classe verbal incide sobre as suas propriedades sintácticas e baseia-se nalguns verbos considerados paradigmáticos do conjunto da classe. Queremos alargar o conjunto de predicados verbais estudados, pelo que os resultados aqui apresentados se baseiam no estudo de um conjunto de 221 verbos psicológicos, tendo sido analisados contextos de usos reais destes verbos, extraídos de um *corpus* de língua portuguesa com 12 milhões de palavras³ do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Este *corpus* foi desenhado e constituído a partir do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CLUL), actualmente com cerca de 200 milhões de palavras.

A análise do comportamento sintáctico de uma amostragem vasta, que nos parece ser de facto representativa desta classe verbal, bem como o recurso a dados reais da língua, leva a um maior conhecimento da regularidade sintáctica existente no interior desta classe verbal mas também aumenta significativamente o grau de variação entre os seus elementos. Lidar com essa variação é um desafio para qualquer exercício de categorização:

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no *Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística do Porto*, Porto, 22-24 de Novembro de 2001, e publicada nas Actas do mesmo Encontro (Cf. Mendes 2002).

¹ Outros verbos, como *amar* e *detestar*, lexicalizam o argumento Experienciador na posição sujeito.

² Os exemplos do *corpus* trazem um código, que permite identificar o texto de onde foram extraídos.

³ O *corpus* utilizado tem a seguinte constituição: jornais: 57%; revistas: 12%; obras literárias: 19%; manuais técnico-didácticos: 8%; Acórdãos do Supremo Tribunal de Justiça: 1%; *Diário da Assembleia da República*: 3%.

“There is indeed *a great measure* of categoriality in human language. Lexical items, morphemes, syntactic constructions and the rules that govern their appropriate use in communication represent a huge body of *prima facie* evidence in support of the existence of categoriality. But equally well, the very same rules also furnish a wealth of evidence in support of non-discreteness, fuzzy-edges, continua and contingent definitions and applications.” (Givón 1984: 14)

A heterogeneidade dos dados não pode ser analisada com base em categorias fechadas cujos membros partilham obrigatoriamente as mesmas propriedades e ganha em ser analisada com base na Teoria do Protótipo, em que alguns membros da classe têm um comportamento mais prototípico do que outros:

“(…) prototype theory would predict a prototype clustering distribution around the prototype/mean, whereby the majority – however large – of the membership can be found within a reasonable, well-defined distance.” (Givón 1984: 16)

Os dados do *corpus* que analisámos contribuem em grande medida para a variação sintáctico-semântica encontrada, mas também fornecem informação de frequência, essencial para ajudar a determinar quais as características que definem o protótipo da classe. Uma vez que a não ocorrência de uma construção no *corpus* não é obrigatoriamente sinónimo de agramaticalidade, mas sim de uso pouco frequente, os dados do *corpus* foram complementados com informação dicionarística.

A análise dos verbos psicológicos aqui apresentada organiza-se em torno de três questões principais:

a) a definição de características prototípicas da classe dos verbos psicológicos, por forma a definir o protótipo desta classe e o grau de afastamento dos restantes elementos;

b) no caso de verbos como *devorar*, em que medida a polissemia afecta a partilha de características prototípicas e em que medida existem argumentos para propor uma correlação entre significado e construção sintáctica;

c) que tipo de pluralidade de sentidos estrutura esta área lexical: vaguidade, polissemia ou homonímia.

2. *Propriedades sintácticas prototípicas da classe dos verbos psicológicos*

Os verbos intrinsecamente psicológicos analisados (isto é, verbos sem sentido não psicológico) aceitam, à excepção de 3 verbos, a construção transitiva com Experienciador Objecto Directo. O sujeito lexicaliza o evento ou entidade causadores da mudança de estado psicológico, podendo a posição ser preenchida por um sintagma nominal (SN) em (3a), uma oração infinitiva em (3b) ou uma oração completiva em (3c) (ou ainda um sintagma nominal do tipo de *o facto de*):

(3) a. “Teresa sorriu, mais humana: (...) **Assusta-me a vida de casada.**” (L116)

- b. “Para mim, *ver o quanto éramos jovens* foi o que realmente me **assustou**.”
(JC14055)
- c. “Não o **preocupava** *que a aventura tivesse representado a hipoteca da courela*
(...)” (L0023)

No entanto, o sujeito Causador é frequentemente subespecificado relativamente à natureza precisa do evento ou propriedade que causa a mudança de estado psicológico, como evidenciado em (4), em que a não especificação do sujeito desencadeia uma pergunta por parte do interlocutor:

- (4) “ - A Clara **preocupa-me**. - **Porquê?** Porque anda com pequenos do seu meio?”(L0522)

A especificação da natureza da entidade sujeito através de um sintagma preposicional introduzido pela preposição *com* (SP(*com*)) é extremamente frequente no *corpus*, podendo o SP ocorrer em posição pós-verbal, como em (5), ou numa posição interna ao SN sujeito, como em (6):

- (5) “Teresa, amimada e voluntariosa, **fascinava-o** *com as suas declarações de independência, os seus paradoxos, as suas ideias extravagantes.*” (L0116)
- (6) Aquele filme *com tantas cenas de terror* angustiava a Ana.

O SP especificador da causa pode igualmente ocorrer enquanto núcleo do SN, como em (7), numa alternância que Beth Levin designa por *possessor subject*⁴:

- (7) *As cenas de terror do filme* angustiavam a Ana,⁵

ou ainda enquanto oração adjunta temporal finita / não finita na frase (8a). O facto de a Causa da mudança de estado ser constituída pelo sujeito e pela oração temporal é evidenciado pela resposta (8c) à pergunta (8b) (Cf. Jeanjean 1984):

- (8) a. Tu chateias-me quando choras.
b. O que é que me chateia?
c. Tu quando choras.

⁴ O conceito de alternância (tradução de *alternation*) é apresentado por Beth Levin, sendo as *diathesis alternations* definidas como “(...) alternations in the expressions of arguments, sometimes accompanied by changes of meaning (...). (Levin 1993: 2).

⁵ Em frases deste tipo, a mudança de estado psicológico do Experienciador implica o seu envolvimento no evento realizado na posição sujeito. Assim, as frases (a) e (b), abaixo, correspondem a (a’) e (b’):

- (a) O filme assustou-me.
(a’) [[eu VER] o filme] assustou-me
(b) Os livros aborrecem-me.
(b’) [[eu LER] os livros] aborrece-me

Para casos semelhantes com o verbo *begin* (*John began the book*), Pustejovsky & Bouillon (1995) propõem o processo de coerção aspectual (*aspectual coercion*) em que o SN *the book* passa para o tipo aspectual Evento e passa da categoria sintáctica SN para a categoria sintáctica oração (por exemplo, *John began reading the book*). Nesta perspectiva, a informação pertinente para a reconstituição do evento sujeito em (a’) e (b’) está directamente dependente da estrutura de *qualia* na descrição lexical dos

A oração temporal adjunta também pode ocorrer em posição pré ou pós-verbal:

(9) a. O Pedro assusta-me quando espirra.

b. O Pedro quando espirra assusta-me.

(10) a. O Pedro assusta-me ao espirrar.

b. O Pedro ao espirrar assusta-me.

O sintagma especificador pode ainda ser promovido a sujeito, sendo a Causa realizada enquanto SP introduzido pela preposição *em*, como em (11a). A frase (11b) mostra o contraste com a construção transitiva em que a Causa ocupa a posição sujeito e o elemento Especificador da Causa é realizado enquanto SP(*com*):

(11) a. “E é esse jogo entre o parolo e o cosmopolitismo que nos **fascinou** no *Variações* e que nos fez dizer sim ao projecto.” (J14800)

b. O *Variações* fascinou-nos *com o seu jogo entre o parolo e o cosmopolitismo*.

Quando a Causa da mudança de estado corresponde a uma entidade considerada no seu todo, a construção sintáctica com SP(*em*) é considerada preferencial (veja-se o contraste entre as frases (12) e (13)), o que confirma a função de especificação do SP(*com*).

(12) a. Tudo me chateia no Rui.

b. Tudo no Rui me chateia.

(13) a. ?? O Rui chateia-me com tudo.

b. ?? O Rui chateia-me com todas as suas características.

A grande maioria dos verbos intrinsecamente psicológicos analisados aceitam ainda a construção anticausativa pronominal (ou construção com SE anticausativo) exemplificada em (14), em que o Experienciador é promovido para a posição sujeito e a Causa da mudança de estado é lexicalizada como SP(*com*) pós-verbal:

(14) a. “Começava a **preocupar-se** *com aquela demora (...)*” (L0234)

b. “Ainda estudante, desceu um dia em Lisboa e **impressionou-se** *com a nossa Baixa, o puro pombalino.*” (R1765)

As construções transitiva e anticausativa expressam ambas um evento e um estado resultativo, mas com diferentes focalizações:

a) a construção transitiva focaliza o evento que desencadeia a transição (é possível decompor a transitiva na seguinte estrutura conceptual: (X CAUSA (Y estar em determinado estado psicológico));

b) a construção anticausativa pronominal focaliza o Estado resultante (podendo o evento causador estar opcionalmente realizado (X assustou-se (na sequência de determinado evento))).

substantivos *filme* e *livro* (um filme destina-se a ser VISTO e um livro destina-se a ser LIDO).

O sujeito da transitiva e o SP(*com*) da anticausativa expressam simultaneamente a Causa da mudança de estado psicológico e o Objecto da Emoção do Experienciador, sendo que o realce de uma ou outra destas componentes de sentido depende em parte da informação semântica associada a cada construção sintáctica: por exemplo, a construção transitiva, que focaliza o evento causador, realça o elemento Causa. A complexidade semântica do sujeito dos verbos psicológicos é evidenciada por verbos como *envergonhar*, que podem realizar as componentes de sentido Causa e Objecto da Emoção de forma independente, como em (15a), ou aglutinadas na posição sujeito, como em (15b):

- (15) a. *A reacção dele* (Causa) *envergonhou-me da minha insensibilidade* (Objecto da emoção).
- b. *O vestido antiquado da mãe* (Causa + Objecto da emoção) *envergonhou o jovem advogado*.

3. Graus de afastamento relativamente ao protótipo de verbo psicológico

Embora os verbos intrinsecamente psicológicos (isto é, verbos que apenas têm sentido psicológico, contrariamente ao exemplo de *devorar*), apresentem uma grande homogeneidade relativamente à aceitação da construção transitiva e anticausativa, existem subconjuntos de verbos com propriedades específicas, de que apresentamos, a seguir, alguns exemplos.

- Experienciador realizado como Objecto Indirecto

Tal como foi referido no ponto 2, a esmagadora maioria dos verbos constrói-se com sujeito e objecto directo, havendo apenas três verbos que seleccionam Objecto indirecto: *agradar* (16), *desagradar* e *aprazer*.

- (16) “Tenho dúvidas se escreverei outro 'Longest Journey', pois este livro embaraçou as pessoas e o que pretendo com sinceridade é **agradar-lhes...**” (R1092)

- Construção anticausativa não pronominal

Por outro lado, um conjunto reduzido de 6 verbos aceita a construção anticausativa pronominal ou não pronominal, como exemplificado com o verbo *entristecer* nas frases (17):

- (17) a. “Mas juro-vos que me encantam as pequenas felicidades de alguns e **me entristeço** com as desgraças de todos (...).” (L0241)
- b. “Dora **entristecera**, ensimesmada durante todo o diálogo dos dois (...).” (L0062)

- Alvo da Emoção

Outro aspecto, ainda, prende-se, não com uma variação na construção sintáctica, mas sim com a interpretação do SP(*com*) da anticausativa. Com um conjunto de cerca de 9 verbos

psicológicos, o SN interno ao SP(*com*) da anticausativa é lexicalmente preenchido por substantivos de tipo humano, sendo interpretado não como Causador/Objecto da Emoção, mas sim como Alvo da emoção, como exemplificado com o verbo *zangar* em (18):

(18) Mas, ou por isso ou por outras, tempos depois a senhora Rita **zangara-se com** a Adélia e pusera-a à porta de casa.” (L0020)

- SP(*de*) Objecto da Emoção

Outro conjunto de verbos admite na construção anticausativa a ocorrência de um SP introduzido pela preposição *de*, como nas frases seguintes:

(19) a. “Francisco Teixeira **enfadou-se** depressa daquele temperamento tão viril, daquela voz ferina e fria que lhe impunha ordens e que, no fim de contas, o desfrutava.” (L0002)

b. “Depois, segundo afirmava, **chateou-se** daquela obrigação de andar em digressões, de Abril a Outubro, pelas arenas da província;(…)” (L0474)

Estes predicados expressam o fim de uma relação entre duas entidades, estando implícitos dois estados de coisas: (x gostava de y) e (x já não gosta de y), pelo que não ocorre apenas uma mudança de estado de um experienciador, mas também uma mudança de relação entre esse experienciador e outra entidade. Enquanto que a maioria dos verbos psicológicos não estão marcados quanto à duração do processo que desencadeia a mudança de estado psicológico (Cf. Mendes 2001), estes predicados implicam maior duração do processo causador anterior à mudança e a existência muito clara de precedência entre causa e mudança de estado.

Os verbos *chatear* e *aborrecer* partilham as duas interpretações apresentadas acima: podem ter o sentido de "arreliar-se com alguém" (SP(*com*) como Alvo da Emoção) e o sentido de “enfadar-se”, sendo que, nos dados do *corpus*, a construção anticausativa se constrói com preposição *com* no primeiro caso e com preposição *de* no segundo, naquilo que constitui um sistema complementar apresentado no quadro seguinte:

	<i>aborrecer-se</i>	<i>chatear-se</i>
sentido “arreliar”	<i>de</i> : 0 <i>com</i> : 8,4%	<i>de</i> : 0 <i>com</i> : 6,5%
sentido “enfadar”	<i>de</i> : 10,7% <i>com</i> : 0	<i>de</i> : 5,2% <i>com</i> : 0

Contrariamente ao SP(*com*), o SP(*de*) não apresenta uma interpretação complexa envolvendo as componentes Causa e Objecto da Emoção, sendo apenas esta última a interpretação disponível, o que associa a preposição *com* à causatividade. O complemento

introduzido pela preposição *de* na anticausativa expressa dificilmente uma característica específica, **causadora** do tédio, como evidenciado pelo contraste entre (20) e (21):

(20) a. ? Ele aborreceu-se da estupidez da namorada.

b. ? Ele aborreceu-se da lentidão do filme.

(21) a. Ele aborreceu-se com a estupidez da namorada.

b. Ele aborreceu-se com a lentidão do filme.

- Agentividade e estado resultante

O verbo *humilhar* apresenta uma propriedade, inicialmente apontada por Ruwet (Ruwet 1994), que o diferencia dos restantes psicológicos: a possibilidade de existência ou não de um estado psicológico resultante. A frase (22) apresenta a possibilidade de dissociação entre a acção causadora e o estado resultante:

(22) O Rui humilhou-me diante dos meus amigos mas eu não me senti humilhado.

Ruwet levanta a questão de saber se tal propriedade é partilhada pelo conjunto dos verbos psicológicos, questão essa a que podemos responder negativamente para o português, uma vez que apenas *humilhar*, *lisonjear*, *ridicularizar* e *achincalhar* admitem tal interpretação, em claro contraste com os restantes verbos psicológicos, como exemplificado em (23) pelo verbo *preocupar*:

(23) * A notícia da queda de um avião preocupou-me mas eu não fiquei preocupado.

Verbos como *humilhar* podem ou não expressar uma mudança de estado resultante, existindo, em consequência, duas interpretações, pelo que estes verbos se distinguem dos verbos psicológicos prototípicos, em que o efeito é dado como um facto. A possibilidade de não ocorrência do estado resultante psicológico prende-se, ainda, com a forte agentividade dos verbos do tipo de *humilhar*, que permite uma preponderância da acção exercida sobre o estado que dela resulta. Aliás, o verbo *lisonjear* não lexicaliza o estado psicológico do Experienciador, contrariamente a verbos como *preocupar* e *angustiar*, mas sim a acção que causa a mudança de estado (lisonja).

Esta focalização da acção ou do processo causador leva, aliás, a que estes verbos aceitem dificilmente a alternância anticausativa, que, como foi referido, focaliza o estado resultante:

(24) ?? Eu humilhei-me com os seus insultos.

Os verbos com comportamento prototípico dividem-se quanto à possibilidade de aceitarem sujeito agentivo (cerca de metade aceita um sujeito agente), o que nos levou a não tomar inicialmente qualquer opção quanto à natureza prototípica ou não da agentividade do sujeito. Tomando em consideração, no entanto, o facto de os verbos mais fortemente agentivos, como *humilhar* e *lisonjear*, se afastarem desse protótipo e o facto de o sujeito dos psicológicos

ser muito frequentemente de tipo evento, somos levados a considerar como propriedade prototípica dos verbos psicológicos a selecção de um sujeito não agentivo, e sim causador.

Os aspectos referidos acima estão sistematizados na Figura 1, abaixo, em que o quadrado da esquerda identifica as propriedades prototípicas e os verbos que as aceitam e as setas apontam para subconjuntos de verbos com propriedades divergentes. As informações de frequência fornecidas pelos dados do *corpus* permitem identificar as propriedades partilhadas por todos os verbos e a frequência mais ou menos alta com que ocorrem com cada item lexical. Estas são consideradas propriedades prototípicas desta classe verbal com base na partilha pelos membros da classe e permitem portanto identificar o protótipo de verbo psicológico. Os subconjuntos de verbos em quadros isolados apresentam graus mais ou menos elevados de afastamento relativamente ao protótipo estabelecido. Uma análise completa e pormenorizada da variação sintáctico-semântica no âmbito desta classe foi desenvolvida em Mendes (2001).

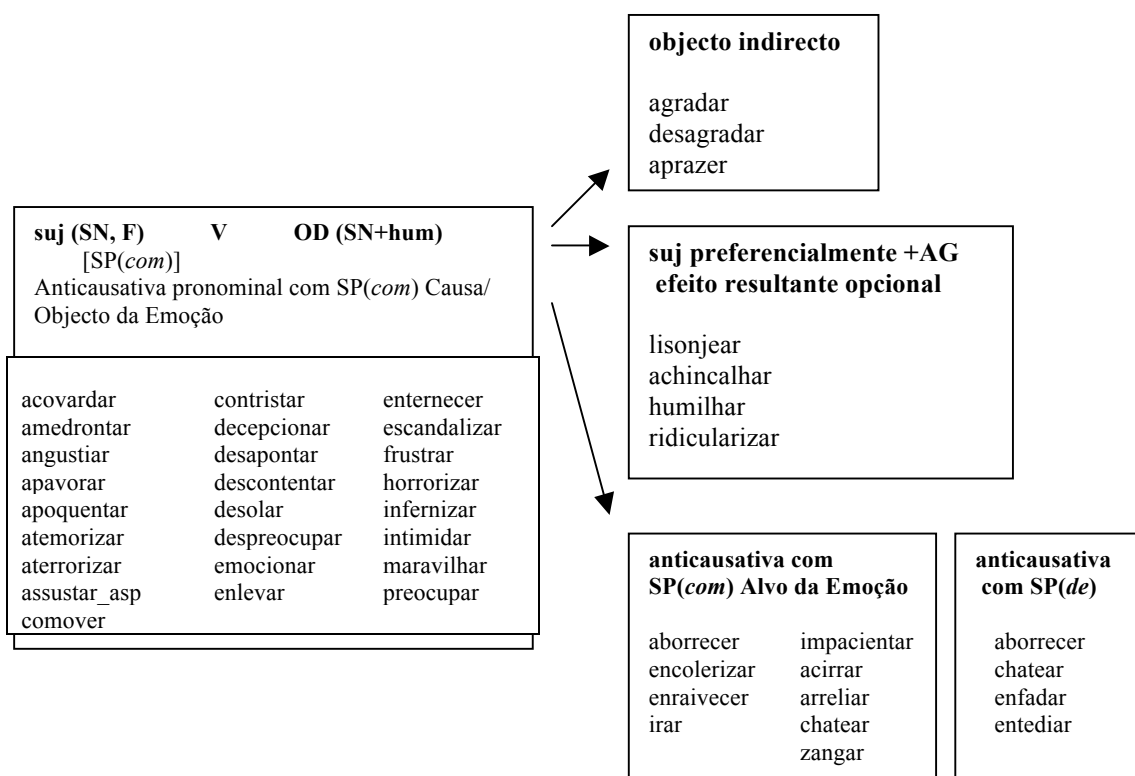


Figura 1: Tipologia dos verbos psicológicos

4. Propriedades dos verbos psicológicos com pluralidade de sentidos

Pretende-se neste ponto comparar o comportamento sintáctico-semântico dos verbos com sentido psicológico e não psicológico com o protótipo de verbo psicológico estabelecido no ponto 2. Interessa-nos responder a várias questões que se prendem com:

- a) a partilha ou não das propriedades psicológicas prototípicas pelo sentido psicológico e pelo sentido não psicológico dos predicados verbais do tipo de *devorar*;
- b) a interacção entre sintaxe e semântica em predicados verbais com pluralidade de sentidos;
- c) a estruturação destes predicados verbais em torno de um paradigma de vaguidade, polissemia ou homonímia;
- d) possíveis padrões de polissemia regular no léxico.

4.1. Não lexicalização do estado resultativo e importância do contexto

Por oposição aos verbos intrinsecamente psicológicos, que lexicalizam a emoção / sentimento, aliás muitas vezes presente enquanto radical nominal na forma verbal, os predicados com pluralidade de sentidos são geralmente vagos quanto à emoção ou ao sentimento que é desencadeado, pelo que é o contexto a definir qual o estado psicológico do Experienciador, como nas frases (26)-(28), por oposição a (25).

(25) a. * Ele /isso assusta-me nos meus sentimentos / medos.

(26) a. Ele / isso agride-me nos meus sentimentos / direitos.

b. Isso acende a minha ira / o meu desejo / os meus medos.

c. Ele fervia de raiva / inveja / impaciência / desejo.

(27) “A conjugação astral deste mês promete-lhe melhorar a convivência, **aquietar** angústias e preservar as amizades.” (R1129)

(28) “A resposta é, infelizmente, simples: porque [a droga] pode **tocar-nos** a todos e não sabemos porque toca a um e não toca a outro. Ora, tocar significa destruir – psiquicamente, emocionalmente, economicamente, socialmente.” (Diário de Notícias, 22/10/00⁶)

A não lexicalização do estado psicológico resultante e conseqüente natureza vaga desse estado pode levar a casos como o de *incendiar*, que pode expressar vários estados psicológicos, como a ira ((29a,b) e o alvoroço (29c), bem como uma reacção colectiva negativa (30a) ou entusiástica (30b).

⁶ Esta ocorrência dos verbos *tocar* e *destruir* não foi extraída do *corpus* utilizado, mas sim retirada directamente do jornal.

- (29) a. “Limpou, com o gume da mão, uma lágrima purulenta, e, como da janela oposta divisasse as galinhas que lhe picotavam o cebolo sobre o pedaço de rede de pesca que abatera no alfobre, **incendiou-se** de **ira**, pôs-se a procurar projecteis à sua volta, (...)” (L0002)
- b. “A sua repugnância por quanto acontecera, de novo a **incendiava** numa **cólera** irreprimível.” (L0020)
- c. “Mas, quando me deitei e apaguei a luz, o convite de Chico para fazer a conferência **incendiou-me** de **alvoroço**.” (L0044)
- (30) a. “Tentativa do PS de votar a legislação laboral **incendiou** a Assembleia (...)” (J15681)
- b. “Mas ao lado de Tito Paris, ultrapassou-se a si próprio, **incendiando** a plateia com o seu saxofone crioulo e angolano.” (J18136)

Nas frases acima, o significado psicológico é resultado directo do contexto: ocorrência de substantivos que expressam emoções ou ocorrência de advérbio (*emocionalmente*), ou ainda o contexto como um todo nos casos de (30a) e (30b). São igualmente muito frequentes no *corpus* os casos em que o significado psicológico resulta da presença de um OD de tipo metonímico, em que o experienciador é substituído pela parte do corpo afectada psicologicamente. Nas frases (31), essa parte do corpo é relativa à sede das emoções e dos sentimentos (*o coração, a alma*), mas também ao espírito, o que é revelador da organização espacial das emoções relativamente ao corpo humano:

- (31) a. “A ausência de pobres, mendigos e arrumadores de carros **aqueceu-lhe** a **alma**.” (J19775)
- b. “(...) mais feiticeiro, mais capaz de **arrebat**ar o **espírito** e inflamar o **coração** (...)” (L0003)
- d. “Visto de baixo, o Sítio e os seus ossos **atormentam** a imaginação, querem rasgar no entendimento representações precisas de um grande drama, (...)”(R2649)

4.2. Efeito psicológico e/ou físico

Um conjunto alargado de verbos com sentido psicológico caracteriza-se sintacticamente por aceitar, na sua maioria, as características prototípicas apresentadas no ponto 2, como é o caso de *afogear* e *nausear*, exemplificados em (32) e (33):

- (32) “Este piedoso alvoroço **afogueou-lhe** as faces pálidas (...)” (L0245)

(33) “Tudo a horrorizava, tudo a **nauseava**. Sentada na grande varanda, defronte das montanhas cujo panorama outrora tanto a embevecera, tinha calafrios de medo (...)”. (L0731)

Estes verbos caracterizam-se ainda por apresentarem uma distinção muito fina entre um sentido psicológico e um sentido físico, que, em muitos contextos, é impossível destrinçar: por exemplo, um dos sentidos de *afogues* é referente a uma reacção física que resulta por sua vez de uma reacção psicológica, enquanto o verbo *nausear* significa, na grande maioria dos contextos do *corpus*, um mal estar simultaneamente físico e psicológico. O comportamento sintáctico prototipicamente psicológico, a par com um sentido psicológico que não se individualiza de forma clara, leva-nos a considerar estes casos como duas variantes de um único significado, podendo o contexto individualizar ou não um dos sentidos. O conceito de alossemia apresentado por Deane (Deane 1988) adequa-se a este tipo de relações entre sentidos verbais, sendo aplicado a variantes não individualizadas de um mesmo significado. Este conjunto de predicados verbais evidencia de forma muito clara uma questão que perpassa ao longo de todo o estudo sobre esta classe, a da forte relação existente entre efeito psicológico e fisiológico.

Por outro lado, os verbos *inquietar*, *desinquietar* e *sobressaltar* ocorrem na grande maioria dos contextos com um significado em que se associa o movimento e a agitação física com um estado psicológico perturbado. Nos casos em que o contexto remete sobretudo para um dos elementos de sentido, o de movimento, como nas frases (34) e (35), a interpretação preferencial é de sentido figurado:

(34) a. "Para além do pinhal, distinguia-se ao longe a escama azul do mar, um vento sem matéria **inquietava** as copas (...)” (L0060)

b. “(...) a máquina de lavar roupa chocalhava na cozinha amassando lençóis, a roupa no arame da marquise **inquietava-se** (...)” (L0060)

(35) “Os seus pés nus **sobressaltavam** a poeira da estrada. A poeira levantava-se, (...)” (L0023)

4.3. Subespecificação

Outros verbos, como *acalmar*, *fortalecer*, *abrandar*, não se referem a uma mudança de estado mas sim a uma gradação de um estado que pode ser de natureza psicológica. Estes predicados caracterizam-se por aceitar as propriedades prototípicas assinaladas no ponto 2, mas divergem aspectualmente do protótipo de verbo psicológico. Enquanto este se caracteriza pela partilha de propriedades de dois tipos aspectuais, *achievements* e *accomplishments*⁷, e por ter

⁷ Estes termos são usados no original, dada a dificuldade em os traduzir para português.

ainda propriedades aspectuais específicas (para uma análise aspectual destes predicados, Cf. (Mendes 2001)), os verbos do tipo de *acalmar* comportam-se aspectualmente como *accomplishments*. Estes predicados são todos de tipo deadjectival e admitem uma grande variação de entidades lexicais no preenchimento da posição de OD, como exemplificado em (36) com algumas das ocorrências de *acalmar* atestadas no *corpus*:

(36) *acalmar* uma pessoa, *acalmar* o trânsito, *acalmar* a Bolsa, *acalmar* as ondas

O significado destes verbos não expressa uma mudança de estado, mas sim a gradação de um estado já existente. A natureza desse estado depende das propriedades semânticas do OD, pelo que o verbo não lexicaliza ele próprio nenhum estado específico. A importância do contexto para a definição do significado desses verbos/adjectivos leva a propostas como a da polissemia externa (Martin 1979) ou *selective binding* (Pustejovsky 1995). A pluralidade de sentidos em contexto destes predicados decorre da vaguidade do seu significado: não é possível identificar uma lista finita dos seus significados, havendo sim um único significado subespecificado e actualizado em contexto.

4.4. *Polissemia regular*

Outro grande conjunto de predicados com sentido psicológico caracteriza-se, contrariamente aos verbos apresentados nos pontos 4.2. e 4.3, por ter propriedades sintácticas que se afastam, em maior ou menor grau, do protótipo psicológico, sendo o afastamento mais evidente nos sentidos não psicológicos destes verbos. Caracteriza-se ainda, contrariamente ao tipo de verbos ilustrados por *acalmar*, por restringir as possibilidades de preenchimento lexical da posição de objecto directo e por apresentar, por conseguinte, uma maior restrição sobre as possíveis interpretações do verbo. Estes são predicados do tipo de *devorar*, exemplificado nas frases (1) e (2) acima.

Os verbos que aceitam sentido psicológico têm origem em áreas lexicais regulares, que se definem por determinados elementos de sentido, que exemplificamos de seguida:

(a) contacto (*tocar, marcar, atingir, arrebatou, agarrar, empolgar*)

(37) “(...) o subcomandante Marcos **arrebatou** os "fiéis" com um discurso (...)”
(J18065)

(b) contacto + agressão (*agredir, torturar, massacrar, dilacerar, bater, matar*)

(c) contacto + desgaste (*devorar, minar, corroer, desgastar, ralar, moer*)

(38) “**Devora-nos** uma impaciência insuportável (...)” (L0016)

(d) energia (*electrizar, electrificar*)

(39) (...) reaparece Elvira para a grande cena da sua demência (...), **electrizando** com a sua espantosa técnica vocal (...). (J17341)

A regularidade das áreas lexicais em causa aponta para relações de analogia na base da extensão semântica que possibilita o sentido psicológico. Esta relação semântica entre os sentidos destes verbos é acompanhada de uma relação ao nível sintáctico. De facto, a grande maioria dos verbos com sentido psicológico apresenta no(s) seu(s) outro(s) sentido(s) propriedades sintácticas semelhantes às dos verbos intrinsecamente psicológicos: construção transitiva, sujeito causativo ou agentivo e OD afectado. Um grande número de verbos aceita ainda a alternância anticausativa pronominal ou intransitiva.

No entanto, alguns predicados verbais com pluralidade de sentidos divergem das características prototípicas psicológicas apresentadas no ponto 2. Interessa-nos observar a) quais as características prototípicas que não ocorrem no sentido não psicológico com esses verbos; b) se o sentido psicológico desses mesmos predicados segue o protótipo sintáctico da classe ou as propriedades sintácticas dos outros sentidos do verbo; c) se esses dados apontam para alguma regularidade no léxico.

Alguns verbos com pluralidade de sentidos não apresentam construção transitiva (*chocar*), ou não têm apenas construção transitiva (*repousar*, *tocar*) nos seus sentidos não psicológicos (frases (40)-(42)):

(40) Ele chocou com / contra a porta.

(41) a. “(...) jesuíta de Navarra canonizado em 1622 e cujas relíquias (...) **repousam em** Goa (...)” (R2533)

b. “O cabelo e o rosto pingavam. O sítio em que **repousava** a cabeça, pouco a pouco encharcado, tornou-se compacto.” (L0465)

(42) a. Ele tocou à campainha.

b. Ele tocou no rosto dela.

c. Ele tocou o tecido.

Observando o comportamento sintáctico destes verbos no sentido psicológico, vemos que aceitam, no entanto, a construção transitiva (frases (43)):

(43) a. A notícia chocou-o.

b. Falar com os filhos repousara as suas inquietações.

c. As palavras dele tocaram-no profundamente.

Verbos como *acabar*, *bulir* e *mexer*, pelo contrário, constrõem-se com SP(*com*) tanto no sentido não psicológico (frases (44)) como no sentido psicológico (frases (45)), apesar dos verbos *acabar* e *mexer* também terem uma construção transitiva, mais próxima do protótipo psicológico.

- (44) a. “Pedem socorro ou uma bala na cabeça que **acabe com** eles.” (R2334)
 b. “(...) Ministro das Finanças, cujas reformas iriam **bulir com** os grandes privilégios da nobreza (...)” (R1327)
- (45) a. O telefonema anunciando a recusa da sua candidatura **acabou com** ele.
 b. O seu sorriso irónico **mexia comigo**.
 c. “(...) mas isto **bule comigo** de tal forma que saio.” (R0130)

O quadro seguinte sistematiza os dados acima apresentados.

sentido não psicológico	→	sentido psicológico
V OD		V OD <i>aquecer, etc.</i>
V OD [sentido pertinente]		V OD <i>tocar</i>
V SP [sentido pertinente]		
V OD SP(com)[sentido pertinente]		V SP(<i>com</i>) <i>acabar, mexer</i>

Verbos como *aquecer* têm construção transitiva nos dois sentidos, estando portanto de acordo com o protótipo sintáctico de verbo psicológico. Os outros dois tipos de verbos no quadro têm ambos duas possibilidades de construção sintáctica no sentido não psicológico (com OD ou com Objecto preposicionado). Partindo deste dado comum, resta tentar explicar as razões que levam a que *tocar* seleccione um OD no sentido psicológico enquanto *acabar* e *mexer* seleccionam um Objecto preposicionado. No caso do verbo *tocar*, as duas construções (*tocar uma coisa* e *tocar em alguma coisa*) expressam ambas a unidade de sentido CONTACTO, que vimos acima ser um elemento essencial para a passagem para o sentido psicológico em determinadas áreas lexicais. Assim, na passagem para o sentido psicológico (*a notícia toca-me profundamente*), há preferencialidade pela construção com OD, que caracteriza o protótipo psicológico. Pelo contrário, no caso dos verbos *acabar* e *mexer*, a extensão semântica tem por base a construção com argumento preposicional (respectivamente, “aniquilar fisicamente”: *acabar com os inimigos* e “afectar”: “*esta evidência não mexe com os propósitos da equipa*”), pelo que o sentido psicológico mantém essa mesma construção.

Estes dados apontam para uma correlação bastante forte entre significado e construção sintáctica, permitindo encontrar regularidades em processos polissémicos baseados na analogia.

A grande maioria dos predicados com pluralidade de sentidos apresenta as mesmas propriedades sintácticas na construção anticausativa, tanto no sentido não psicológico como psicológico. Assim, se o verbo aceita no sentido não psicológico a anticausativa pronominal ou

não pronominal, como no caso do verbo *abater* em (46), as mesmas possibilidades são realizadas no sentido psicológico deste verbo em (47):

(46) a. “Mas pouco durou a operação, pois com o lume e a água o telhado **abateu** com enorme estrondo.” (L69)

b. “O telhado **abate-se** numa breve reentrância com os bicos voltados para o céu. (L273)

(47) a. “Olhou o cariz do céu: - Não está seguro. Os ânimos **abateram**.”(L222)

b. “Sofrendo com o sofrimento da filha, recuando perante a ameaça da morte da esposa, a sua alma sangrava e **abatia-se**. (L821)

O verbo *aquecer* aceita apenas a construção anticausativa não pronominal no seu sentido não psicológico, como exemplificado em (48a), assumindo o sentido psicológico a mesma restrição, em (48b):

(48) a. A sopa aqueceu. / * A sopa aqueceu-se.

b. Os ânimos aqueceram. / * Os ânimos aqueceram-se.

Outros verbos, ainda, recusam a construção anticausativa no sentido não psicológico, quer na forma pronominal, quer na forma não pronominal, como em (49a), mantendo-se a mesma restrição no sentido psicológico, em ((49b):

(49) a. * O prédio demoliu-se. / * O prédio demoliu.

b. * Ao ouvirem a notícia, os colegas demoliram-se / * os colegas demoliram.

As propriedades sintáticas do sentido psicológico destes predicados verbais estão assim directamente dependentes das propriedades sintáticas do sentido não psicológico.

Existem, no entanto, algumas - na verdade, poucas - excepções a este comportamento regular do subconjunto de verbos em análise. São casos em que o sentido psicológico não segue o padrão sintático do sentido não psicológico. Assim, embora o verbo *ralar* não aceite construção anticausativa pronominal no sentido não psicológico como em (50a), tal construção é gramatical no sentido psicológico do verbo em (50b):

(50) a. * O queijo ralava-se.

b. O João ralava-se muito com a saúde dos filhos.

O Quadro seguinte sistematiza os vários tipos de relações entre as propriedades da anticausativa no sentido não psicológico e psicológico. O tipo 1 corresponde a verbos como *magnetizar* e *electrizar*, que aceitam a construção anticausativa pronominal em ambos os sentidos, estando de acordo com o protótipo psicológico. O tipo 2 mostra casos de verbos que apresentam divergências relativamente a esse protótipo (anticausativa não pronominal ou ausência de anticausativa) no sentido não psicológico e que mantêm as mesmas características

no sentido psicológico, como o verbo *abater*, acima exemplificado. Pelo contrário, os verbos do tipo 3 apresentam uma ruptura relativamente a esse padrão, como o verbo *ralar*, sendo a anticausativa pronominal possível no sentido psicológico, mesmo quando não é aceite pelo sentido não psicológico. Uma análise destes predicados aponta para uma propriedade comum: a alta frequência do sentido psicológico no *corpus*, sendo inclusivamente este o sentido mais frequente com verbos como *ralar*, *empolgar*, *deprimir* ou *inflamar*.

	sentido não psicológico	sentido psicológico	
1	Anticausativa pronominal	Anticausativa pronominal	(<i>magnetizar</i> , <i>electrizar</i>)
2a	Anticausativa pronominal ou não pronominal	Anticausativa pronominal ou não pronominal	(<i>abater</i>)
2b	Anticausativa não pronominal	Anticausativa não pronominal	(<i>aquecer</i>)
2c	Sem anticausativa	sem anticausativa	(<i>demolir</i>)
3	Sem anticausativa	Anticausativa pronominal	(<i>empolgar</i> , <i>ralar</i> , <i>deprimir</i>)

O padrão aqui revelado mostra que o alto uso do sentido psicológico se sobrepõe ao padrão regular de semelhança entre propriedades dos dois sentidos destes verbos e que leva a que o sentido psicológico passe a assumir o protótipo sintáctico do sentido psicológico - nomeadamente a aceitação de anticausativa pronominal. As informações de frequência, e portanto de uso, destes verbos são assim determinantes para as propriedades sintácticas dos predicados verbais com pluralidade de sentidos, por um lado, e por outro, ressalta deste padrão a associação existente entre o significado associado a uma classe verbal e o seu comportamento sintáctico.

Para além da importância dos dados de frequência para o entendimento das aparentes idiosincrasias do léxico, é de realçar a óbvia relação sintáctica existente entre os sentidos verbais no conjunto de predicados estudados neste ponto. Esta relação, que é claramente direccionada, leva-nos a considerar estes verbos como polissémicos, tendo dois significados relacionados, em que as propriedades sintácticas de um (não psicológico) determinam - a par com a frequência - as propriedades sintácticas de outro (psicológico).

Assim, estes predicados caracterizam-se por:

a) terem propriedades mais afastadas do protótipo psicológico devido à influência do significado não psicológico;

b) manifestarem uma influência sintáctica clara do significado não psicológico sobre o psicológico - apenas anulada quando o significado psicológico se sobrepõe em termos de uso (informação de frequência);

c) evidenciarem uma grande regularidade nas áreas lexicais a que pertencem os verbos que admitem significado psicológico, estando portanto em jogo processos de tipo analógico, em que determinados elementos de sentido permitem a associação com o espaço psicológico.

Este conjunto de propriedades leva-nos a considerar o significado não psicológico como o significado de base do verbo, a partir do qual, e com base em relações de tipo metafórico, existe uma extensão de sentido para o espaço psicológico. Esta extensão é assumida igualmente nos casos em que o significado derivado (psicológico) é o mais proeminente e frequente no *corpus*, como no caso dos verbos *deprimir* e *ralar*, em que a frequência do significado derivado anula a subordinação sintáctica ao significado de base.

A natureza metafórica destas passagens semânticas e o conjunto de áreas lexicais envolvidas permitem caracterizar estes casos como casos de polissemia **regular** no léxico:

“(...) a word with a meaning in one domain may be transferred to that of another domain, probably because of some perceived similarity. However, after that first transfer occurs, other words in the lexical set may also be transferred and there need be no perceived similarity. The more words that occur with senses in both domains, the more likely it is that other words in the first domain will transfer to the second. (...)” (Lehrer 1978: 117)

A confirmar esta extensão regular de sentido está o facto de, ao longo da nossa análise dos dados do *corpus*, termos incluído um número crescente de verbos das áreas lexicais estudadas como aceitando uma interpretação psicológica ou como sendo aceites pelos falantes, quando inquiridos, como verbos com significado psicológico. A regularidade das extensões semânticas encontradas permite dar ainda mais um passo na estruturação do léxico, uma vez que estes casos de polissemia são assim (parcialmente) previsíveis.

5. Conclusão

O estudo de uma larga amostragem de predicados verbais psicológicos com base em contextos extraídos de um *corpus* de língua portuguesa permitiu-nos observar esta classe verbal do ponto de vista da sua variação interna e contribuir para estabelecer as propriedades que são partilhadas pelos membros da classe e que são, portanto, prototípicas desta classe e as propriedades em que se regista maior variação nos contextos observados. Esta análise realça a homogeneidade de comportamento dos verbos intrinsecamente psicológicos, que contrastam com os verbos com pluralidade de sentidos, mas também evidencia subclasses com especificidades sintácticas e semânticas.

A informação de frequência fornecida pela análise do *corpus* realçou a influência que o significado verbal (e o seu uso) exerce sobre as propriedades sintáticas do predicado verbal, numa clara interacção entre sintaxe e semântica.

Embora um conjunto extenso de verbos com interpretação psicológica apresente pluralidade de sentidos, uma análise comparativa com o protótipo de verbo psicológico que os contextos e os dados de frequência permitiram estabelecer mostrou que essa pluralidade semântica corresponde nuns casos a variantes alossémicas de um único significado, noutros a predicados verbais subespecificados e noutros, ainda, a casos de polissemia regular, sem no entanto ter sido observada a existência de significados não relacionados e, portanto, de predicados homónimos.

Bibliografia

- BELLETTI, Adriana & Luigi RIZZI (1988) “Psych-verbs and theta-theory”, *Natural Language and Linguistic Theory*, 6:3, pp. 291- 352.
- BOUCHARD, Denis (1995a) *The Semantics of Syntax. A Minimalist Approach to Grammar*, Chicago, The University of Chicago Press.
- COPESTAKE, Ann & Ted BRISCOE (1995) “Semi-productive polysemy and sense extension”, *Journal of Semantics, Lexical Semantics*, 12:1, pp.15-68.
- DEANE, P. Deane (1988) “Polysemy and cognition”, *Lingua*, 75, pp. 325-361.
- GIVÓN, Talmy (1984) *A functional-typological introduction*, vol. I, Amsterdam, Jonh Benjamins Publishing Company.
- JEANJEAN, Colette (1984) “«Toi quand tu souris»: analyse sémantique et syntaxique d'une structure du français peu étudiée”, *Recherches sur le français parlé*, 6, Université de Provence, pp. 131-165.
- LAKOFF, George & Mark JONHSON (1980) *Metaphors We Live By*, Chicago, Chicago University Press.
- LEHRER, Adrienne (1978) “Structures of the lexicon and transfer of meaning”, *Lingua*, 45, pp.95-123.
- LEVIN, Beth (1993) *English verb classes and alternations. A preliminary investigation*, Chicago, The Chicago University Press.
- LEVIN, Beth, Grace SONG, Beryl T. S. ATKINS (1997) “Making Sense of Corpus Data: A Case Study of Verbs of Sound”, *International Journal of Corpus Linguistics*, 2:1, pp. 23-64.
- MENDES, M. Amália P. (1994) *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MENDES, Amália (1999) “Analyse aspectuelle et structure lexico-conceptuelle des verbes psychologiques”, *VERBUM*, XXI:1, *Transitivité et Langues Romanes, de l'Objet Direct à l'Objet Indirect*, pp. 25-36.

- MENDES, M. Amália P. (2001) *Propriedades Sintáticas e Semânticas de Predicados Verbais com Pluralidade de Sentidos: o caso dos verbos psicológicos*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MENDES, Amália (2002) “Uma análise dos verbos psicológicos com base nos dados de um *corpus*: regularidade, variação e polissemia verbal” em DUARTE, Inês M. et al. (org.) *Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Porto, 22-24 de Novembro de 2001, vol. 1, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 21-34.
- PESETSKY, David (1995) *Zero syntax: Experiencers and Cascades*, Cambridge, MA, The MIT Press.
- PUSTEJOVSKY, James & Branimir BOGURAEV (eds.) (1996) *Lexical Semantics: the Problem of Polysemy*, Oxford, Oxford University Press.
- RUWET, Nicolas (1972) “A propos d'une classe de verbes «psychologiques»”, *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*, Paris, Seuil, pp. 181-251.
- RUWET, Nicolas (1994) “Être ou ne pas être un verbe de sentiment”, *Langue Française*, 103, pp. 45-55.
- WILLEMS, Dominique (1984-85) “Sur la structure sémantique du lexique verbal”, *Linguistica Antuerpiensia*, XVIII-XIX, Antuerpia, Universiteit Antwerpen, Rijkuniversitair Centrum Antwerpen, pp. 163-182.